

MARITUBA

HISTÓRIAS DA ESTAÇÃO



APRESENTAÇÃO

Entrevistar para conhecer, para reconhecer, para compreender que histórias de vida compõem um universo muito maior do que a trajetória pessoal do entrevistado.

Foi nessa perspectiva que, incentivados por seus professores, alunos de escolas municipais de educação básica realizaram o projeto Memória Local na Escola.

Leituras, desenhos, reflexões sobre os conceitos, princípios e diretrizes que envolvem a metodologia de entrevista de história de vida, a escolha do entrevistado, a elaboração de roteiro, o que programar antes, como se comportar durante e o que fazer após a entrevista foram alguns dos aspectos trabalhados com professores e alunos, e este livro é resultante das múltiplas possibilidades de produções escritas e gráficas realizadas pelos alunos.

As histórias aqui registradas são uma homenagem a todos os moradores do município. Temos certeza de que você vai se surpreender com os relatos e com a capacidade dos alunos de expressar o que ouviram nos textos e desenhos dessa publicação.

Você, leitor, está convidado a parar um tempinho para se deliciar com as histórias e memórias de pessoas que talvez conheça pessoalmente, talvez seja seu vizinho ou da sua família, descobrir as semelhanças e diferenças. Assim estará olhando também para você mesmo.

Esta ação faz parte do Plano Anual de Atividades do Museu da Pessoa de 2019 (Pronac 18.3727) realizado pelo Ministério da Cidadania, Secretaria Especial da Cultura e pelo Instituto Museu da Pessoa através do Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac), em parceria com o Instituto Avisa Lá e com o patrocínio da Ultragaz.

Museu da Pessoa e Avisa Lá

Marituba (PA) tem sua história intimamente associada à construção da Estrada de Ferro de Bragança; data de 1907 a inauguração da **Estação** e da **Vila de Marituba**.





Ênio Tiago, professor desde a aldeia

As mais remotas lembranças do seu Ênio estão em uma aldeia indígena, onde vivia. Lá aprendeu a pescar e foi lá que viveu situações que o ensinaram a sobreviver junto à natureza. Lembra-se, perfeitamente, de ter ensinado àqueles índios o nosso idioma, o Português. Tudo para eles ficou mais fácil com a quebra daquela barreira de comunicação. E essa satisfação seu Ênio carrega até hoje. Mas também – o que é curioso em se tratando de índios – ensinou Educação Física. E, disposto a abrir para eles um mundo até então desconhecido, os levou ao Planetário: conheceram, então, as características de cada corpo celeste.

Com o tempo, seu Ênio veio para cá e passou a integrar o corpo docente da Escola Júlia Freire de Souza. Nessa condição, tem vivido momentos marcantes, a maioria deles repletos de satisfação. Tristeza mesmo só guarda em relação a um episódio dramático, em que um aluno esfaqueou o outro. Foi durante a Feira da Cultura. No entanto, mesmo em situações tão adversas, há o que celebrar: seu Ênio agiu rápido e garantiu à vítima um pronto atendimento, possivelmente responsável por sua sobrevivência. O professor Ênio tem muito a contar e essa pronta intervenção a festejar.

Ênio Tiago da Silva Pinheiro foi entrevistado pelo professor Nixon Messias Faro Gomes e pelos seus alunos da Escola Júlia Freire de Souza. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.





Vencendo dificuldades e pronta para viajar

De sua infância, Rosileia traz a lembrança da casa humilde, feita de barro, com metade dela coberta de palha e a outra metade, de telhas. E essa era a casa de sua família – numerosa, com doze filhos. Guarda a imagem do pai na roça, preparando farinha e carvão; a mãe guerreira, trabalhadora, cuidando da filharada. Dentre as coisas que marcaram os seus anos de criança, está o costume – na linha da tradição – de assistir às festas religiosas; também o hábito de reunir os vizinhos para a contação de histórias, lendas e mistérios: matinta perera, lobisomem... Mas também lhe passam pela memória as brincadeiras de rua, com os amiguinhos, e a escola simples, porém acolhedora, onde a professora Luíza muito representou no início de sua vida escolar.

Embora condizente com as dificuldades que enfrentava à época, não deixa de surpreender a precocidade como se deu o

começo de sua vida de responsabilidades e trabalho: aos 12 anos já vendia pastel na rua, garantindo a própria sobrevivência e a da família. Porém, determinada a romper com esse histórico de adversidades e pobreza, Rosileia transferiu-se para Marituba – sua cidade de origem só tinha até a quarta série. E assim foi, lutando, se esforçando, ampliando conhecimentos, até concluir o curso superior. Visava evoluir profissional e materialmente. Pode-se dizer que conseguiu: hoje, sente que pode sonhar com um futuro bem melhor, uma aposentadoria digna e muitas, muitas viagens. Afinal, conhecer lugares é o seu propósito, aquilo com que sonha, já que, embora tenha se casado, não realizou o sonho da maternidade.

Rosileia Teixeira Moraes foi entrevistada pela professora Iranilza Nascimento de Oliveira e pelos seus alunos da Escola Dona Mora Guimarães. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.



Caminhada feita de desafios e conquistas

Benedito Chaves da Costa, o Bené, nasceu em Primavera, interior do Pará. Começou a trabalhar muito, muito cedo: aos 10 anos, uma criança ainda, já seguia para a roça para fazer o que gente grande fazia. Cuidava da roça e, com isso, ganhava o seu sustento e o da sua família. Pode-se dizer que foi um menino que não teve infância. Brincar como? Estudar como? Seu destino era a terra, a enxada, o plantio, a colheita. Ainda assim, considerava-se feliz. Principalmente quando tinha a oportunidade de fazer pequenas viagens para visitar os parentes.

Com 15 anos de idade, veio para Belém; queria e precisava melhorar de vida. Aos 18, ingressou no Exército. Foram tempos mais difíceis ainda, de enormes desafios e perigos, em que, sobretudo, teve a capacidade de resistência posta à prova: comeu cobras guisadas, insetos... Afinal, eram essas iguarias que a mata oferecia.

Passou três anos na caserna e depois prosseguiu seus estudos, que havia interrompido. Hoje, lembra que aos 17 anos conheceu sua namorada e, pouco tempo depois, estava casado.

Olhando para o seu passado, considera-se realizado. E não é para menos: tem dois filhos maravilhosos, e só aí já tem um tesouro incalculável, suas pedras preciosas. Porém, conseguiu mais: tem carro, casa própria e um comércio a que se dedica durante o dia. Bené é, atualmente, vigia da Escola Raquel de Queiroz.

Benedito Chaves da Costa foi entrevistado pela professora Conceição do Socorro Corrêa Lima e pelos seus alunos da Escola Raquel de Queiroz. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.





Viver o momento, conhecer lugares

Ela é de julho de 1956 e foi criada no Distrito de Icoaraci, Belém (PA). Morava em uma casa de madeira, tinha dois irmãos e uma avó que adorava contar-lhes algumas histórias, principalmente de assombração, que o povo de lá chamava de “visagem”. Ela até que curti as histórias, mas ficava meio assustada.

De suas brincadeiras de infância, assim, na rua com os coleguinhas, gostava de todas. Mas também gostava da escola. Era muito interessada em saber, por isso levava a sério os estudos; lembra-se de uma professora, coincidentemente chamada Ana Maria, que foi marcante nesse seu período de vida escolar.

Aos 20 anos, começou a trabalhar – Abrigo João Paulo II, em Marituba. Voltou-se para

as artes plásticas, mexeu com costura, com pintura, sobretudo especializou-se em bonecas de pano. Em 1978, Ana Maria se casou. Quando viram que não conseguiriam ter um filho, ela e o marido adotaram um – na verdade, uma linda menina chamada Loretta. Permaneceu 30 anos casada, dona Ana. E hoje, viúva, aposentada, sua vida é viajar. Aproveitou para conhecer o Sul, o Nordeste, o Sudeste. Só não foi mais longe porque dormiu. A história é até engraçada: numa dessas excursões, resolveu tirar um cochilo e dormiu. Dormiu... dormiu... dormiu além da conta e perdeu o passeio para a Argentina.

Ana Maria dos Santos Besteiro foi entrevistada pela professora Raíssa Maura Lima Feitoza e pelos seus alunos da Escola Dr. Renausto Amanajás. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.



Érika: determinação e envolvimento social

Erika nasceu no Uriboça, um dos bairros de Marituba. Veio de uma família por demais humilde; seu sonho de criança era ter uma boneca. Dessas bem bonitas e nova em folha. Só que, dadas as circunstâncias, era um sonho impossível de realizar. Afinal, sua mãe lutava com muita dificuldade para criar, sozinha, tantos filhos. Só que Erika, desde cedo, revelou-se uma menina determinada: em certo momento, houve na escola um concurso qualquer, cujo prêmio principal era uma boneca, do jeitinho que ela queria. Pois não é que ela foi lá e venceu o tal concurso? E ainda pensando em sua infância, ela relembra dos períodos de cheia do rio, próximo à casa dela, e dos banhos que ela e os irmãos tomavam nesse rio.

Érika começou a trabalhar quando engravidou. Trabalhava na casa de uma senhora, como doméstica, e também na padaria que esta possuía. Assim, pôde preparar o enxoval para sua filhinha.

Atualmente, ela trabalha na Escola Dr. Alcântara. Essa proximidade com a Educação provocou nela o desejo de ajudar, de alguma maneira, aquelas crianças do bairro que, por essa e aquela razão, não tiveram a oportunidade de se alfabetizar: não liam nem escreviam. Disposta a fazer alguma coisa em benefício dessas crianças, faltava-lhe, todavia, o espaço para colocar o seu projeto em execução. Foi quando o proprietário do Terra do Meio, restaurante rural da região, ofereceu o espaço e hoje, às terças e quintas, ela se dedica à concretização desse objetivo. Tudo isso serviu-lhe de estímulo para que alimentasse a esperança e o desejo de realizar outro sonho, desta feita pessoal: não pretende descansar enquanto não cursar Pedagogia.

Érika Ferreira da Cunha foi entrevistada pela professora Priscilla Suellen Lima de Sousa e pelos seus alunos da Escola Dr. Alcântara. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.



Dona Ana: filhos escolhidos, filhos amados

Ana Terezinha nasceu em Curuçá (PA), onde passou a infância; hoje ela mora aqui em Marituba. Dos primeiros anos, guarda a lembrança de uma casa pequena, dos pais e das brincadeiras: adorava subir em árvores e pegar frutas, como também pular corda. Até que chegou a época de ir para a escola; estudou até os 9 anos de idade. Lembra das dificuldades que enfrentavam em sua casa, tanto que assistia às aulas com roupas comuns; só mais tarde seus pais puderam comprar-lhe o uniforme. Ajudava os pais, menina ainda, trabalhando em

casa de família, tomando conta de crianças. Aos 10 anos conheceu aquele que, mais tarde, ou seja, dez anos depois, seria seu marido. Casaram-se e tiveram um filho apenas. Nem por isso ela se sentiu infeliz: adotaram sete crianças.

Ana contou, em entrevista concedida em uma bonita manhã ensolarada, que todos eles estão hoje encaminhados. Ou seja, todos estudaram e se formaram.

Ana Terezinha Alves Cunha foi entrevistada pela professora Edna Antonia da Costa e pelos seus alunos da Escola Ômega. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.



Dona Terê esperando o seu primeiro filho, e os outros seis adotados.



Remover obstáculos, acreditar no futuro

Uma doçura aquela menina que nasceu em Salinópolis, interior do Pará, chamada Ana Carrera. Filha de gente humilde – lavradores ali da região – a memória mais remota que guarda da infância é a de uma vida passada em meio a muito sacrifício. Tanto que, com apenas 7 anos de idade, foi trabalhar em Belém, em casa de família, como babá de uma criança de 2 anos. Quer dizer, ela, uma menina com sete, responsável por uma criança com dois aninhos. Mas não parava por aí: tendo cuidado da criança, Ana agora tinha que se voltar para outros afazeres domésticos, como lavar e arrumar a casa. Só então, lá no quartinho que lhe deram, nos fundos da casa, ela podia sentar e conversar um pouco com Rosinha, sua boneca. Assim é que ela driblava a solidão.

Um dia, Ana volta para a cidade de origem, mas sua mãe já se acha em estado terminal, doente. Lembra-se de ter ganho dela, como despedida, um anel e uma pulseira, com a recomendação para guardar com carinho.

Em seguida, a família decide morar em Belém. Numa pequena Vila – a ainda obscura Marituba – compram um terreno. É desde então que Ana Carrera está lá no município – no hoje município de Marituba –, agora com a sua própria casa e a sua própria família. Recorda-se, nesse meio tempo, de, aos 16 anos – e este é um relato ainda de Salinópolis, sua terra natal –, ter ido trabalhar em um hotel e ter comprado, com o primeiro salário, uma cama e um guarda-roupa. Quanta felicidade nesse dia!

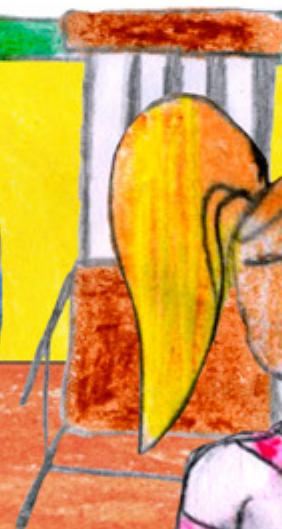
Hoje, numa Marituba mais evoluída, bem diferente daquela a que chegou menina, ela constituiu família, construiu moradia, construiu o que espera ser uma transformação efetiva, com menos sacrifício e mais conquistas. Conquistas que o estudo e, principalmente, o desafio de prestar vestibular dependendo do próximo até para a inscrição, tornarão possíveis – assim espera – por meio de sua profissão de pedagoga.

Ana Carrera de Santana foi entrevistada pela professora Rosiane Alves Corrêa e pelos seus alunos da Escola Nossa Senhora da Paz. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.





fernando



Uma entrevista muito importante.

A felicidade de um homem que só quer ver sua cidade progredir.



Inaugurando Marituba

Fernando de Souza Corrêa foi o primeiro prefeito do município de Marituba. Nesta entrevista, gentilmente concedida, ele se reportou ao seu sonho de menino – ele queria ser aviador. Falou de suas origens, dos banhos de igarapé e das histórias que gostava de ouvir quando criança; referiu-se, também, aos seus pais e, em particular, a um episódio envolvendo sua mãe, que, em dado momento, caminhou de São Brás, bairro de Belém, até Marituba.

Seu Fernando relembra a Marituba de anos atrás, enfatizando certos costumes, como dormir de portas abertas sem o risco de assalto, situação hoje absolutamente impensável. Saudosismo, decerto, de quem conheceu outros tempos, outros valores, uma natureza humana mais pacífica.

Fernando de Souza Corrêa foi entrevistado pela professora Teresinha Pires da Silva e pelos seus alunos da Escola Benedito Bezerra Falcão. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.

Ensinando o que sabe, ajudando no que pode

Maria Inês é de Belém do Pará, onde nasceu em 1966 – 21 de janeiro. Oriunda de família bem simples, o pai era motorista de ônibus e a mãe – como se dizia na época – se dedicava às prendas domésticas. De seus irmãos, um já é falecido e outro é autor do Hino de Marituba. Quando criança, morava perto da Funai. Sua mãe, coincidentemente, era descendente de índios e isso deve ter facilitado a relação da família com eles, sempre muito boa. Seu pai vivia contando histórias sobre o povo indígena, e ela adorava ouvir. Das brincadeiras típicas da infância, ela se lembra de brincar com bola, com peteca, com quebra-cabeça. Mas o que a fascinava mesmo eram os passeios a cavalo, de bicicleta, e os imperdíveis banhos no Rio Xingu.

Em Altamira, passou boa parte de sua vida; saiu de lá com o ensino fundamental concluído e foi para Belém, em busca da continuidade de seus

estudos: completou o ensino médio e ingressou na faculdade, concluindo o curso superior. Abraçou o magistério e acredita que, em grande parte, teve nessa opção a influência da tia, também professora, em cuja casa ela foi morar, justamente para poder estudar.

Maria Inês casou-se e tem um único filho. Sua experiência como professora começou em Ananindeua, prosseguindo por Marituba. De início, lecionou na Escola São José e, nos últimos 16 anos, exerce a profissão na Escola Maria de Fátima, como coordenadora social. Adora o que faz e sente-se privilegiada pela oportunidade que a vida lhe deu de, ao mesmo tempo, ensinar às pessoas e colocar-se disponível para elas, do ponto de vista social.

Maria Inês de Lima e Silva foi entrevistada pela professora Helenice Pinto do Nascimento e pelos seus alunos da Escola Maria de Fátima. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.





MÁRIO

Memórias de um técnico

Das recordações de sua infância, seu Mário, certamente, não tem as brincadeiras de rua com colegas de mesma idade: a criação que teve excluiu esse tipo de convívio, com o propósito de evitar más influências. Dessa forma, permanecia invariavelmente dentro de casa, ajudando a mãe e, para se divertir, construía ele próprio os seus brinquedos. Com 15 anos fez um curso de radiotécnico, por correspondência. Mais tarde, tornou-se técnico em eletrônica. Ingressou na Aeronáutica e ali permaneceu por nove anos, executando a manutenção de equipamentos de radiocomunicação. Decidiu, no entanto, que era preferível dedicar-se a essa atividade por conta própria, e assim o fez. Problemas de saúde, contudo, o impediram de continuar e hoje, desfrutando da estima e admiração de todos, ele exerce a função de Agente de Portaria em nossa Escola Cristã Plenitude.

Mário da Costa Lobato foi entrevistado pela professora Márcia Lúcia de Melo Wanderley e pelos seus alunos da Escola Cristã Plenitude. Este texto foi produzido coletivamente pelos alunos.

Instituto Museu da Pessoa

Diretora-Presidente
Karen Worcman

Direção Executiva
Sônia Helena Dória London

Relações Institucionais
Rosana Miziara

Instituto Avisa Lá

Presidente
Maria Cristina Meirelles

Coordenação Executiva
Silvia Maria Pereira de Carvalho

Coordenação Adjunta
Cisele Ortiz

Ultragaz

Gerente de Sustentabilidade
Daniela Gentil

Analista de Sustentabilidade
Mayara Andrade Lima

Prefeitura Municipal de Marituba

Prefeito Municipal
Mário Henrique de Lima Bísaro

Vice-Prefeito
João Batista da Silva Santos

Secretária Municipal de Educação
Katia Cristina de Souza Santos

Técnicas Formadoras
Elda da Conceição Oliveira
Sandra Suely Maiolino dos Anjos

**Projeto Memória Local na Escola,
Memórias Compartilhadas –
Marituba, 2019**

Coordenação Geral
Sônia Helena Dória London
Silvia Pereira de Carvalho

Gestão do Projeto
Renato Herzog

Coordenação do Projeto
Raquel Ribeiro

Coordenação Técnica
Márcia Cristina da Silva

Produção
Ane Alves

Formação
Alessandra Ancona de Faria
Lia Cristina Lotito Paraventi
Maria Paula Gennari Guimarães Twiaschar

Escolas Participantes

Escola Júlia Freire de Souza
Professor
Nixon Messias Faro Gomes
Direção
Esdras Lima de Moraes
Coordenação
Cleiciane Trindade da Silva

Escola Dona Mora Guimarães
Professora
Iranilza Nascimento de Oliveira
Direção
Ana Maria Gonçalves da Cunha

Vice-Direção
Nilson Rubens Socorro Nascimento
Pamplona
Coordenação
Maria do Socorro Bandeira da Silva

Escola Raquel de Queiroz
Professora
Conceição do Socorro Corrêa Lima
Direção
Telma Maria Correa Borcem

Escola Dr. Renausto Amanjás
Professora
Raissa Maura Lima Feitoza
Direção
Maria Antônia de Matos Besteiro
Vice-Direção
Socorro Angela Santos dos Santos
Coordenação
Glaucimar Rodrigues Bittencourt da Costa

Escola Dr. Alcântara
Professora
Priscilla Suellen Lima de Sousa
Direção
Carmem Célia da Silva Castro
Coordenação
Ruth Raiol e Silva

Escola Ômega
Professora
Edna Antonia da Costa
Direção
Cristina de Andrade Victor de Brito
Coordenação
Ed Lelma Oliveira Alves

Escola Nossa Senhora da Paz
Professora
Rosiane Alves Corrêa
Direção
Argemiro da Conceição Seabra Junior
Vice-Direção
Ana Karla Resende Castro
Coordenação
Maria Lucia Souza da Silva
Escola Benedito Bezerra Falcão
Professora
Teresinha Pires da Silva
Direção
Sonia Maria de Miranda da Veiga
Vice-Direção
Andreia Solange de Mattos Barroso
Coordenação
Marcionila de Fátima Silva Soares

Escola Maria de Fátima
Professora
Helenice Pinto do Nascimento
Direção
Ruthelídice Correa Santana Nascimento
Vice-Direção
Adila Figueiredo Lemos
Coordenação
Elma Lucia Cajueiro Ventura

Escola Cristã Plenitude
Professora
Marcia Lúcia de Melo Wanderley
Direção
Lígia Ribeiro Vieira
Coordenação
Jane de Oliveira Cunha

Entrevistados
Ana Carrera de Santana
Ana Maria dos Santos Besteiro
Ana Terezinha Alves Cunha
Benedito Chaves da Costa
Ênio Tiago da Silva Pinheiro
Erika Ferreira da Cunha
Fernando de Souza Corrêa
Maria Inês de Lima e Silva
Mário da Costa Lobato
Rosileia Teixeira Moraes

**Publicação Marituba –
Histórias da Estação**

Coordenação Geral
Sônia Helena Dória London

Edição dos Textos
Paulo Emílio Rodrigues Ferreira

Revisão dos Textos
Sílvia Balderama Nara

Produção
Ane Alves

Design Gráfico
Fernanda Mascarenhas
Renato Theobaldo

Finalização Gráfica
Manar Zind

Produção Gráfica
Praxinoscópio

Desenhos e Produção dos Textos
Alunos participantes do projeto



Patrocínio



Apoio



Realização



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA



